

**PARA ALÉM DE CÉLULAS, TECIDOS E ÓRGÃOS: INVESTIGANDO
NARRATIVAS DE ESTUDANTES SOBRE CORPOS GENERIFICADOS**

***ET 11 - Educ(Ações) e Re-Existências Gênero Corpo Sexualidade - Diferença:
Insurgências, Memórias e Lutas no Ensino de Ciências e Biologia***

Tainá dos Reis Garcia ¹

Paula Regina Costa Ribeiro ²

RESUMO

Neste trabalho, temos como propósito analisar como meninos e meninas que participam da Exposição “Uma aventura pelo corpo humano” entendem a maneira com as características biológicas são naturalizadas e vão produzindo os sentidos de feminilidades e de masculinidades, e se observam determinadas características biológicas e inscrições de gênero que marcam seus corpos, comportamentos e habilidades. As análises realizadas através das narrativas dos/as estudantes apontam um reforço, tanto por parte dos mesmos, quanto por parte de professores/as em entender/ensinar os corpos dentro de uma visão binária de gênero, especialmente quando tratamos de sexualidade, em que em geral, das meninas é cobrado uma maturidade e um recato, enquanto os meninos são estimulados a exercer a mesma.

Palavras-chave: Corpos; Gênero; Ensino de Ciências; Espaços educativos.

ENTENDIMENTOS INICIAIS

Ao questionar o modelo de ensino e pensamentos predominantes no ensino de ciências e biologia à respeito dos corpos - que leva em consideração apenas o estudo de seus aspectos biológicos, desconsiderando aspectos mentais, socioculturais e afetivos -, estamos buscando compreender os corpos como mais do que materialidades biológicas reduzidas a máxima divisão possível, constituídas em sistemas com: órgãos, tecidos, células, organelas,

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação: Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE. Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, Brasil. E-mail: tainareisg@gmail.com

² Professora Titular do Instituto de Educação e professora dos Programas de Pós-Graduação: Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE, bolsista produtividade 1C do CNPq, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, Brasil. E-mail: pribeiro.furg@gmail.com..

cromossomos, genes, onde apenas suas características anatômicas/fisiológicas são privilegiadas nos conteúdos escolares.

Entendemos que os corpos são, também, produções sócio-culturais – produzidos na interação entre o biológico e o cultural – interpelados por vivências, experiências e processos constitutivos de identidades. Portanto, tais reflexões a respeito dos corpos implicam em “perceber sua(s) provisoriedade(s) e as infinitas possibilidades de modificá-lo(s), aperfeiçoá-lo(s), significá-lo(s) e ressignificá-lo(s)” (FIGUEIRA, 2003, p. 126). Implica, também, no reconhecimento de que diferentes marcadores sociais atuam na produção desses corpos, posicionando-os nos diversos contextos sociais. Para Deise Longaray (2014, p. 158), “sobre os corpos, são inscritos os marcadores subjetivos, entre eles os de gênero; entretanto, é importante destacar que as marcas que se inscrevem nos corpos são vistas e entendidas de diferentes formas, dependendo do contexto histórico e cultural vivenciado pelos sujeitos.”

Na busca por diferentes estratégias de ensino que contemplem diferentes corpos e suas diferentes inscrições, se fazem necessários espaços como a exposição “Uma Aventura pelo Corpo Humano” que busca corroborar com a construção de um outro modelo de ensino.

Nesta perspectiva, entendemos que o conhecimento se constrói para além do espaço da escola, sendo construído também em outros espaços educativos. Portanto, estamos entendendo como espaços educativos todos aqueles locais que ensinam, que possuem uma pedagogia, ou seja, espaços sociais implicados na produção e no intercâmbio de significados, tais como: universidade, escola, mídias, museus, exposições, entre outras. Esses espaços que nos educam, possibilitando-nos problematizar o quanto torna-se relevante percebermos a potencialidade da difusão de ideias, significados, conhecimentos, valores e representações, no sentido de discuti-las nos tempos e espaços escolares e não escolares (MELO; TOSTA, 2008).

A partir deste entendimento de que outros espaços nos educam e são produtores de conhecimentos e saberes, foi montada a exposição “Uma aventura pelo Corpo Humano”, que consiste em um projeto de extensão do Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática (CEAMECIM), da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. A atividade foi planejada para promover uma aprendizagem significativa acerca dos corpos, tendo como objetivo discutir o ensino do corpo integrado, mostrando as interações entre os órgãos, corpo e ambiente de um modo diferente daquele comumente ensinado no espaço da escola.

Buscamos analisar como meninos e meninas que participam entendem a maneira com que essas características biológicas são naturalizadas e vão produzindo os sentidos de feminilidades e de masculinidades, e se observam determinadas características biológicas e inscrições de gênero que marcam seus corpos, comportamentos e habilidades.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para produção dos dados da pesquisa apresentamos algumas narrativas que foram produzidas durante a visitação de estudantes na Exposição “Uma Aventura no corpo Humano”.

O diário foi o lugar de registro das nossas narrativas enquanto pesquisadoras, nele fizemos apontamentos das situações, vivências e percepções que envolveram as visitas de estudantes na exposição. A autora Rita de Cássia Oliveira entende o diário de campo como

[...] um dispositivo de registros e interlocuções da/na pesquisa. Assim, construímos o diário de campo para ser o lugar de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorrem/ocorreram, enfim, do que na escola e comunidade vimos, ouvimos e vivemos. (OLIVEIRA, 2014, p. 71).

Compreendemos a narrativa, assim como Jorge Larrosa (1996), enquanto uma modalidade discursiva, na qual, ao narrarmos nossas histórias e ouvirmos histórias de outros, estamos nos constituindo enquanto sujeitos, sendo portanto, uma prática social que constitui os sujeitos e produz sentidos às experiências, tanto para si, quanto para os outros e para os contextos em que estão inseridos.

TECENDO ANÁLISES

O espaço dessa exposição consiste em um labirinto que representa o corpo humano com modelos de órgãos, adereços, cartazes com explicações sobre o funcionamento desses e possui tanto um sistema genital com pênis e testículos, quanto um sistema genital com útero, trompas, ovários, canal vaginal, vulva e clitóris (Figura 1).



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

Além disso, é sempre guiada por monitoras/es que ao longo do percurso buscam através de provocações e questionamentos apresentar um corpo plural, rompendo com a homogeneidade e a linearidade da materialidade biológica, cabendo à quem visita a exposição defini-la. No entanto, não só apenas as/os monitoras/es que fazem provocações, durante uma visita a exposição, uma das monitoras é confrontada por uma estudante: “*A sora(professora) tem namorado?*” Ao responder que tinha sim uma namorada ouve com uma voz de espanto: “*mas como se a sora(professora) é menina?...então tu é machorra?*”. A monitora responde que não é “machorra” e sim lésbica e ao ver uma clara confusão no rosto da estudante torna a explicar que seu gênero e sua sexualidade são coisas distintas e que portanto, ela pode namorar uma mulher e continuar sendo uma.

Judith Butler (2013) busca desconstruir essa dicotomia construída sócio-historicamente entre sexo/gênero em que o primeiro é considerado como natural e o segundo como cultural para designar ambos. Ao criticar a separação entre sexo e gênero, a autora aponta que o processo de diferenciação sexual não se resume ao aspecto material-físico, mas é um conceito marcado pela construção de práticas discursivas.

Ainda para a autora, problematizar essa distinção possibilita compreender que o gênero se torna

um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um

masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino. (2013, p. 24-25).

Assim, na e através da linguagem os corpos e os gêneros vão sendo constituídos e marcados e a partir do reconhecimento de que diferentes marcadores sociais atuam na produção dos corpos, posicionando-os nos diversos contextos sociais, concordamos com Silvana Goellner (2005), quando diz que o conceito de gênero desestabiliza as considerações envolvidas no determinismo biológico, através do qual os seres humanos “se constroem” feminino ou masculino pelas diferenças corporais e, a partir delas, se definem funções sociais distintas.

Entendemos que os gêneros se constituem através de referenciais do que é ser homem e do que é ser mulher, portanto, são conceitos enviesados por determinadas culturas e sociedades, ou seja, o gênero está para além do determinismo biológico, sendo uma construção social e cultural em que se rotulam determinados comportamentos para homens e para mulheres.

Pensando sobre as vivências na exposição outra narrativa logo é lembrada: Após a visita da exposição, os/as estudantes e as professoras sentam em círculo para lancha, rezam um pai e nosso e, quase que imediatamente ao final da oração, todas as meninas formam duplas e começam a fazer uma guerra de braço. A professora nos olha com um sorriso nervoso e se desculpa, partindo para um sermão alto e claro: *“Parem já, isso não é coisa de menina!”*. A professora justifica sua fala dizendo às estudantes: *“Vocês não acabaram de ver como o nosso corpo é incrível?! As mulheres são capazes de gerar uma vida. isso que é coisa de menina, não guerra de braço.”*

Ao se referir à conversa que temos na exposição sobre concepção e gestação como algo quase que mágico: “gerar uma vida”, essa professora deixa uma marca nessas estudantes, a maternidade é imposta às meninas desde muito cedo, geralmente em casa com bonecas e o ensino de cuidados específicos, mas neste caso também é marcada num espaço de aprendizado, por uma figura também feminina, que é tida com carinho por seus/suas estudantes, figura esta a qual eles/elas confiam e entendem como “detentora de verdades”. Este tipo de comportamento reforça as inscrições de gêneros nos corpos das/os estudantes, pois controla os corpos e limita as expressões, linguagens e até movimentos.

A guerra de braços, motivo do sermão da professora, é uma atividade esportiva onde cada desafiante, aplicando força muscular, tenta fazer o adversário desdobrar o braço. Por não utilizar nenhuma genitália para praticá-la e sim os braços, não deveria ser associada a meninos e nem a meninas, no entanto para esta – e tantas outras – professoras, é uma

atividade masculina e portanto, uma menina ao praticá-la está fugindo à lógica do que lhe é esperado.

Ao reforçar esses determinados comportamentos esperados de meninos e meninas para com os corpos nas escolas, contribui-se com esses atributos generificados. Não é incomum que durante a visita a exposição ocorram situações desafiadoras que tensionam gêneros e corpos, já que antes mesmo de começarmos, as/os professores dão orientações: em geral, às meninas é recomendado que se comportem de maneira dócil, obediente e gentil, enquanto que os meninos são orientados a controlar seus “movimentos violentos”, pensamentos e comentários inapropriados. Para Claudia Vianna e Daniel Finco (2009), é fundamental que se supere essas naturalizações dadas a partir das diferenças biológicas, já que ao considerar natural que as meninas sejam mais dóceis e obedientes enquanto os meninos são mais “violentos” somos condescendentes com a construção social das relações de gênero.

Uma outra narrativa que também emerge é a de um estudante, que após uma conversa sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) levanta a mão e faz uma pergunta: “*Eu queria saber...que me disseram...que quando a gente se toca sai uma coisa branca do nosso pênis... aí eu fiz e é verdade... e eu queria saber o que é*”. Toda a turma cai na gargalhada, a professora sem jeito também não controla o riso. No entanto, quando uma estudante menina grita: “*Isso é gozo*”, a expressão da professora muda. Ela pede silêncio a todos/as, mas repreende especialmente as meninas, que nesse momento já estão constrangidas com os comentários dos colegas meninos.

Após uma conversa com a turma em que buscamos tirar as dúvidas a respeito tanto do orgasmo feminino quanto do masculino, ainda podemos perceber que enquanto os meninos falavam abertamente do assunto, as meninas se retraíram após alguns olhares de desaprovação tanto da professora, quanto de alguns/algumas colegas. A estudante que saudou a resposta do gozo, parou de participar ativamente da conversa e foi ficando de canto, cabisbaixa. Isto nos leva a refletir, que por mais que tenhamos tentado trazer diferentes aspectos para a conversa, muitas dúvidas deixaram de ser sanadas neste dia por uma questão de gênero, afinal, das meninas é esperado recato, principalmente em assuntos que envolvem a sexualidade, enquanto dos meninos é incentivado que estas dúvidas sejam respondidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas através das narrativas dos/as estudantes apontam um reforço, tanto por parte dos mesmos, de quanto por parte de professores/as em entender/ensinar os corpos dentro de uma visão binária de gênero, além de reforçar as inscrições de gêneros nos

corpos através de controle e limites de expressões, linguagens e até movimentos. Em geral, das meninas é cobrado uma maturidade e um recato, enquanto os meninos são estimulados a exercer a sexualidade, especialmente a heteronormativa.

Compreendemos portanto, que ao interrogarmos as formas como os corpos são apresentados aos/nos espaços educativos, criamos condições para que surjam outras maneiras de pensarmos esses corpos, sendo estes tanto corpos femininos quanto masculinos, de forma que estes possam articular e produzir outros entendimentos e conhecimentos, e que sejam capazes de se impor às múltiplas “verdades” que inscrevem e regulam seus corpos e modos de vida.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FIGUEIRA, Márcia Luiza. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana (Orgs.) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 124-148.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Orgs.). *Dicionário crítico de Educação Física*. Injuí: Unijuí, 2005, p. 207-209.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996.

LONGARAY, Deise Azevedo. *A (Re)Invenção de si: investigando a constituição de sujeitos/as gays, travestis e transexuais*. 2014. Tese (Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande - FURG

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. *Mídia & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

RIBEIRO, Paula Regina Costa; LONGARAY, Deise Azevedo. *Os 15 anos de Mariana: um convite a outras aprendizagens sobre os corpos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

SOUZA, Nadia Geisa S. de. O corpo in *Os 15 anos de Mariana: um convite a outras aprendizagens sobre os corpos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

SOUZA, Nádia Geisa S. O corpo como uma construção biossocial: implicações no ensino de Ciências. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. p. 17-18.